

REVISÃO DE EXPECTATIVAS

SINAL AMARELO PARA A ECONOMIA BRASILEIRA?

FELIPPE SERIGATI¹ ROBERTA POSSAMAI² KELLEN SEVERO³

EM 2017, a economia brasileira saiu da recessão, e, ao longo do primeiro trimestre de 2018, parecia que o ritmo de expansão aceleraria. Infelizmente, desde o início de abril, tem-se acumulado um conjunto de evidências de que o crescimento da economia pode estar perdendo fôlego. O Brasil crescerá neste ano, porém parece que de forma mais modesta do que era projetado, por exemplo, ao final de março. Embora haja fatores externos por trás dessa “revisão de expectativa”, merecem especial destaque os fatores internos, tais como as incertezas relacionadas ao processo eleitoral e o esgotamento da capacidade do governo de tocar qualquer ponto mais relevante da agenda de reformas.

É bem provável que esse quadro de elevada incerteza permaneça, pelo menos, até as eleições. Para o universo agro, no curto prazo, isso se traduzirá em maior volatilidade da taxa de câmbio, justamente no momento em que o setor levará ao mercado o resultado da produção da safra atual e planejará a aquisição dos insumos para a próxima safra.

O QUE EXPLICA ESSA REVISÃO DE EXPECTATIVAS?

Embora haja fatores externos contribuindo para a projeção de menor crescimento da economia brasileira, como a perspectiva de elevação da taxa de juros norte-americana em um ritmo mais intenso (seja devido ao provável excessivo aquecimento dessa economia, seja devido às políticas protecionistas

propostas pela administração Trump, que devem encarecer a produção local dos Estados Unidos), são os fatores domésticos que mais explicam o menor otimismo do mercado. Entre eles, merecem destaque:

- **Esgotamento do capital político do governo junto ao Congresso para a aprovação das reformas:** desde 2016, o governo federal vinha conseguindo mobilizar o Congresso em torno de uma agenda de reformas impopulares, porém necessárias ao País. Diversos pontos dessa agenda foram aprovados, como a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) do Teto dos Gastos, a reforma trabalhista, a mudança das regras para o setor de óleo e gás etc. Porém, infelizmente, há claros sinais de que esse capital político tenha se esgotado; o próprio governo anunciou que não tentará colocar em votação a reforma da previdência antes das eleições. Como a situação das contas públicas é crítica, a interrupção da aprovação dessa agenda deixou o mercado preocupado. De qualquer forma, a sequência desse trabalho ficou para o próximo grupo político que assumir o Palácio do Planalto.
- **Incerteza com relação ao quadro eleitoral:** infelizmente, os resultados das pesquisas de intenção de voto têm persistentemente jogado um balde de água fria nas expectativas de que a agenda de reformas será retomada em 2019. O fato é que estas pesquisas deixam claro que, até o momento, entre os candidatos à presidência da República mais bem posicionados, não há

¹ Doutor em Economia pela Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP), professor e pesquisador do Centro de Agronegócio da FGV (GV Agro) - felippe.serigati@fgv.br

² Mestre em Economia Agrícola pela FGV-EESP e pesquisadora do GV Agro - roberta.possamai@fgv.br

³ Jornalista pós-graduada em Economia pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas na Universidade de São Paulo (Fipe/USP), apresentadora e editora-chefe do jornalístico Mercado&Cia, no Canal Rural - severokellen@gmail.com

nenhum que reúna três condições necessárias para tranquilizar efetivamente o mercado: (i) ser favorável à agenda de reformas; (ii) ter condições de mobilizar o Congresso e construir maiorias para a aprovação das reformas; e (iii) não estar manchado pelas investigações de corrupção que drenam rapidamente o capital político. Diante da incerteza se algum candidato com estas três características se tornará eleitoralmente viável, coloca-se em xeque o prosseguimento dos ajustes que a economia necessita, e a percepção de risco com relação à situação brasileira vai aumentando.

SETORES ECONÔMICOS PARANDO DE ACELERAR

No início de 2018, havia a sensação de que a economia brasileira teria um ano bastante razoável. Os principais setores econômicos com indicadores mensais acompanhados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – indústria, comércio varejista e serviços – registravam um crescimento cada vez mais acelerado (ou uma contração cada vez menor) na taxa anualizada (média móvel de doze meses).

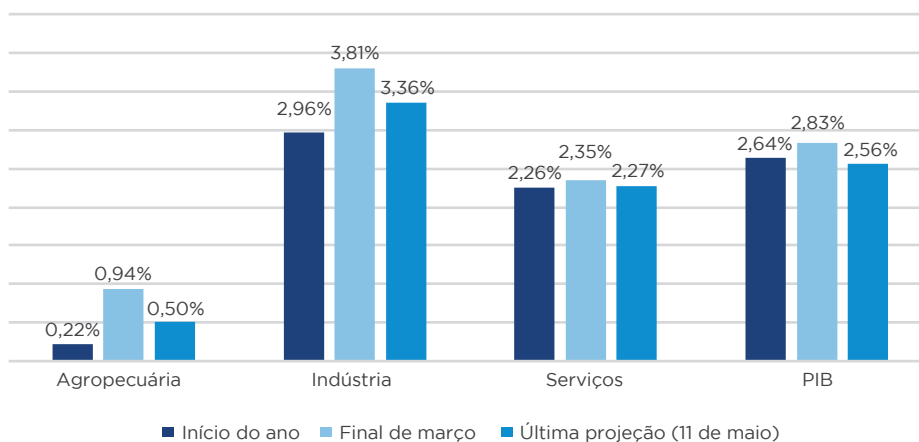
Infelizmente, a divulgação desses índices conta com uma defasagem – no momento em que este artigo é escrito, os números mais recentes são do mês de março. Com isso, ainda não há dados para saber

como o segundo trimestre efetivamente tem evoluído. Porém, se for possível considerar o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) um “indicador antecedente” do Produto Interno Bruto (PIB), há evidências de que a expansão da economia brasileira realmente está perdendo fôlego. A propósito, de acordo com o IBC-Br, a economia brasileira encolheu 0,13% no primeiro trimestre de 2018 em comparação ao último trimestre de 2017.

A REVISÃO DE EXPECTATIVAS

Enquanto não há dados oficiais confirmando essa desaceleração, o mercado já tem revisado “para baixo” as suas projeções para o crescimento da economia brasileira em 2018, na contramão do que estava acontecendo ao longo do primeiro trimestre. De acordo com as projeções da pesquisa Focus do Banco Central (BACEN), ao longo do primeiro trimestre o mercado vinha projetando um crescimento cada vez maior para os três principais setores da economia brasileira (agropecuária, indústria e serviços). Em números: o mercado iniciou o ano projetando um crescimento de 2,64% para o Brasil em 2018 e encerrou o mês de março puxando esta expectativa para 2,83%. Infelizmente, dados os sinais surgidos desde o início de abril, houve revisão “para baixo” em todos os setores econômicos, empurrando a projeção de crescimento do Brasil para 2,56% – e, infelizmente, com sinalização de novas reduções. ■

PROJEÇÕES DA PESQUISA FOCUS DO BACEN: INÍCIO DO ANO, FINAL DE MARÇO E PRIMEIRA QUINZENA DE MAIO



Fonte: BACEN